

A CONSTRUÇÃO DE UM PERSONAGEM CRISTÃO - ALIÓCHA DE “OS IRMÃOS KARAMÁSOVI” (PRIMEIRA PARTE)

Aloísio de Sales Goes

Advogado e escritor, bacharel em Direito pela Faculdade do Vale do Itapecuru (Caxias – MA). Autor do livro “O Prefácio” e coautor do livro “Pessach”.
Email: empreendedordeprojetos@gmail.com

Resumo: “Os irmãos Karamásovi” tornou-se de maneira incontestável um dos maiores clássicos da literatura mundial. Sem dúvidas figura como uma das principais obras do autor russo Fiódor M. Dostoiévski. O livro conta a estória da complexa família Karamásovi, em especial a relação conturbada entre o pai Fiódor Pávlovitch e seus filhos: Dimitri, Ivã e Alieksiéi. Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov ou “Aliócha” é o filho mais novo. Trata-se de um monge, um personagem com uma personalidade fascinante. Ao longo do enredo o leitor se apaixona naturalmente pelo jovem rapaz e pelas suas peculiares atitudes. O objeto desse trabalho é verificar se o autor obedeceu “na construção do personagem” a inclusão de elementos mínimos atinentes à vida de um “Cristão” como: chamado, combate (nessa primeira parte do artigo), discernimento e alegria (na parte vindoura).

Palavras-chave: Dostoiévski. Personagem. Chamado. Combate.

Abstract: “The Brothers Karamazov” incontestably became one of the greatest world literature classics. Undoubtedly figures as one of the main works from the Russian author Fyodor M. Dostoevsky. The book tells the story of the complex Karamazov family, specially the disturbed relation among the father Fyodor Pavlovich and his sons: Dmitri, Ivan and Alexei. Alexei Fyodorovich Karamazov or “Alyosha” is the youngest son. He is a monk, a character with

a fascinating personality. Throughout the plot the reader naturally falls in love with the young guy and his peculiar attitudes. The object of this work is to verify if the author obeyed “in the character building” the inclusion of minimum elements referent to the life of a “Christian” as: calling, combat (in this first part of the paper), discernment and joy (in the part to come).

Keywords: Dostoevsky. Character. Calling. Combat.

Resumen: “Los hermanos Karamasov” se tornó, de manera incontestable, uno de los mayores clásicos de la literatura mundial. Sin dudas, figura como una de las principales obras del autor ruso Fiodor M. Dostoevski. El libro cuenta la historia de la compleja familia Karamasov, en especial la relación conturbada entre el padre Fiódor Pávlovitch y sus hijos: Dimitri, Ivan y Alieksiéi. Alieksiéi Fiódorovitch Karamazov o “Aliócha” es el hijo menor. Se trata de un monje, un personaje con una personalidad fascinante. A lo largo del enredo el lector se enamora naturalmente por el joven y por sus peculiares actitudes. El objeto de este trabajo es verificar se el autor obedeció, “en la construcción del personaje”, a la inclusión de elementos mínimos propios de la vida de un “Cristiano” como: el llamado, el combate (en esta primera parte del artículo), el discernimiento y la alegría (en la parte futura).

Palabras clave: Dostoevski. Personaje. Llamado. Combate.

Sommario: "I fratelli Karamasovi" è senz'altro, diventato uno dei più grandi classici della letteratura mondiale, costituitosi come una delle opere principali dell'autore russo Fiodor M Dostoievski. Il libro racconta la storia della complessa famiglia Karamasovi, in particolare la relazione travagliata tra il padre Fiódor Pávlovitch e i suoi figli: Dimitri, Ivã e Alieksiéi. Alieksiéi Fiódorovitch Karamázov o "Aliócha" è il figlio più giovane, un monaco con una personalità affascinante. Durante la trama, il lettore se innamora naturalmente del ragazzo e dei suoi atteggiamenti peculiari. Lo scopo di questo lavoro è verificare se l'autore, "nella costruzione del personaggio", ha obbedito all'inserimento di elementi minimi relativi alla vita di un "cristiano" come la chiamata e il combattimento (nella prima parte dell'articolo) e il discernimento e la gioia (nella parte successiva).

Parole chiave: Dostoievski. Personaggio. Chiamata. Combattimento.

Résumé: "Les Frères Karamazov" est devenu, de façon incontestable, un des plus grands classiques de la littérature mondiale. Sans doute, c'est une des principales oeuvres de l'auteur russe Fiodor M. Dostoievsk. Le livre raconte l'histoire d'une famille complexe, les Karamazov et, en particulier, la relation troublée entre le père Fiodor Pavlovitch et ses fils : Dimitri, Ivan et Alexëi. Alexëi Fiodorovitch Karamazov, ou "Aliocha", est le fils le plus jeune. Il s'agit d'un moine, un personnage avec une personnalité fascinante. Au fil du scénario le lecteur se passionne naturellement pour le jeune garçon et pour son comportement particulier. L'objectif de ce travail est de vérifier si l'auteur a respecté, dans le développement du personnage, l'inclusion des éléments minimaux particulières de la vie d'un chrétien, comme : l'appel, le combat (dans cette première partie du travail), le discernement et la joie (dans la partie à venir).

Mots-clés: Dostoievsk. Personnage. Appel. Combat.

1. ENREDO E PERSONAGENS

Antes de tudo torna-se necessário apresentar de maneira sintética aquilo que é o enredo da obra e os demais personagens que se relacionam com "Aliócha".

Dostoiévski não teve dificuldades de descrever Fiódor Pávlovitch, o pai, como um beberrão desenfreado, uma pessoa patentemente desprovida de valores. Debochado, inconveniente, sem amor próprio, abandonou os filhos ainda na infância. Auxilia-nos em tenra apresentação, a transcrição à voz do autor:

(...) Gostava de freqüentar os bordéis numa maneira mais repugnante do que outrora e, graças a ele, novos cabarés abriram-se em nosso distrito. Atribuíam-lhe um capital de 100 000 rublos ou quase, e dentro em breve muitas pessoas tornaram-se seus devedores, em troca de sólidas garantias. Nos últimos tempos,

*ficara enrugado, começava a perder o equilíbrio temperamental e o controle de si mesmo; caiu numa espécie de idiotismo, começando por uma coisa e acabando por outra, incapaz de concentrar-se e embriagando-se cada vez mais (...)*¹.

Dimíttri - o filho mais velho - foi o pequeno "Mítia" fruto do primeiro casamento com a Senhora Adelaide, recolhido por Gregório, após a fuga da mãe. Um servidor fiel; que tomou conta da criança. Aliás, se seu pai se tivesse se lembrado dele (de fato, não podia ignorar sua existência), teria mandado o menino de volta para a família materna, para não ser incomodado nas suas orgias.

Em primeiro lugar, esse Dimíttri (primeiro filho) foi o único dos três que cresceu com a ideia de que tinha alguma fortuna e seria independente ao atingir a maioridade. Sua infância e sua juventude foram agitadas: deixou o ginásio antes do termo, entrou em seguida para uma escola militar, serviu no Exército, foi degradado por haver-se batido em duelo, voltou ao serviço, entregou-se à orgia, gastou dinheiro em quantidade. Recebeu dinheiro de seu pai somente quando atingiu a maioridade, mas fizera dívidas enquanto esperava. Só veio a ver pela primeira vez Fiódor Pávlovitch, quando chegou à província especialmente para informar-se a respeito de sua fortuna.

Fiódor casou-se pela segunda vez com "Sofia Ivânovna" que deu à luz "Ivã e Aliócha"; após a sua morte as crianças foram recolhidas e criadas pela Senhora Vórokhov (benfeitora da mãe).

Ivã (segundo filho) tornou-se um adolescente sombrio e fechado, nada tímido, mas compreendera bem cedo que seu irmão e ele cresciam em casa de estranhos. Tinha brilhante capacidade para o estudo; na idade adulta tornou-se o mais intelectual dos irmãos com grande capacidade de raciocínio e riqueza de argumentos.

¹ DOSTOIEVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamásovi*. São Paulo: Abril, 1971, p. 23.

... o rapaz viu-se em apertos nos seus dois primeiros anos de universidade, obrigado a ganhar sua vida enquanto fazia seus estudos. É preciso notar que então não tentou de modo algum corresponder-se com seu pai. (...) Fazia traduções, de jornais e revistas, do francês e cópias. Uma vez conhecido nas redações, Ivã Fiódorovitch não perdeu o contato; nos seus derradeiros anos de universidade, pôs-se com muito talento a escrever resenhas de obras especiais, fazendo-se assim conhecido nos círculos literários. Ivã (quando retornou a sua cidade) exercia visível influência sobre o velho (seu pai), que por vezes o atendia, se bem que muito teimoso e caprichoso; começou mesmo a comportar-se mais decentemente (...)².

Por último, ainda nos capítulos iniciais, Dostoiévski leva mais tempo para descrever “Aliócha” (terceiro filho). O autor o trata com tanto carinho que chega a chamá-lo por diversas vezes de “o nosso herói” ou “o herói”. Inclusive no prefácio de “o meu herói”.

A primeira pergunta que deve ser feita é: Aliócha desponta como protagonista da estória ou como um dos protagonistas? Muitos ao analisarem a obra preferem distribuir o protagonismo entre os irmãos enaltecendo as peculiaridades de cada qual. Dimítri, o fanfarrão com atitudes mais parecidas com as do pai, apesar de carregar uma docilidade e bondade próprias (que o pai definitivamente não tem). Ivã, o intelectual detentor do principal discurso do livro (Capítulo “O Grande inquisidor”) que teve um encontro pessoal com o próprio “demônio” enriquecendo em alegoria a obra. E, por último, Aliócha, o verdadeiro “apaziguador”, um “santo”. Luz e fermento diante de tantos problemas familiares. Fica claro quanto a Aliócha que todos os personagens do livro têm severas desavenças entre si, menos com Aliócha. Todos têm em estima a si próprio ou “outrem”, mas, antes de tudo, têm em estima a Aliócha. Todos o admiram e não compreendem bem a sua postura obstinada de bondade.

² DOSTOIEVSKI. 1971, p.19

Esse estudo toma partido no sentido de que Aliócha é o protagonista com fantástica capacidade de aproximar o leitor. Toma-se como fundamento o que o próprio autor diz no Prefácio da obra (assinado por ele próprio); vejamos:

(...) Ao começar a biografia de meu herói, Alieksiéi Fiódorovitch, sinto-me um tanto perplexo. Com efeito, se bem que o chame meu herói, sei que ele não é um grande homem; prevejo também perguntas deste gênero: "Em que é notável Alieksiéi Fiódorovitch, para que tenha sido escolhido como seu herói? Que fez ele? Quem o conhece e por quê? Tenho eu, leitor, alguma razão para consagrar meu tempo a estudar-lhe a vida?"

A derradeira pergunta é a mais embaraçosa, porque só lhe posso responder dizendo: "Talvez o senhor mesmo descubra isso no romance". Mas se o lerem, sem achar que meu herói é notável? Digo isto porque prevejo, infelizmente, a coisa. A meus olhos, é ele notável, mas duvido bastante de que consiga convencer o leitor (...)³.

Aliócha quando retornou à casa do pai tinha vinte anos e seus irmãos, Ivã e Dimítiri, estavam então, respectivamente, com 24 e 28 anos. Em uma sóbria narrativa tem-se um cuidado especial em descrevê-lo. Deixa claro que a sua personalidade, bem como a sua vocação de "cristão autêntico", não está fundamentada em uma alienação, uma fuga e muito menos em uma fraqueza de "estima". Pelo contrário, Aliócha, apesar de ser uma pessoa singela, carrega consigo uma ternura própria; tem também uma personalidade forte e sabe muito bem o que faz. Na voz do autor:

(...) Devo prevenir que esse jovem Aliócha não era absolutamente um fanático, nem mesmo, pelo que creio, um místico. Na minha opinião, era simplesmente um filantropo na dianteira do seu tempo, e, se

³ DOSTOIEVSKI. 1971, p. 9.

escolhera a vida monástica, era porque então somente ela o atraía e representava para ele a ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas e do ódio daqui embaixo.

(...) Esse dom de despertar a simpatia era por consequência nele natural, espontâneo, sem artifício. (...)

(...) Mas não se podia julgar severamente essa particularidade do caráter de Alieksiéi, porque bastava conhecê-lo um pouco para que se ficasse convencido de que era um desses inocentes capazes de dar todo o seu capital a uma boa obra, ou mesmo a um cavalheiro de indústria, se lho pedisse (...)

(...) -Eis talvez o único homem no mundo que, se ficasse sem recursos numa grande cidade desconhecida, não morreria de fome, nem de frio, porque imediatamente o nutririam, viriam em seu auxílio, senão ele mesmo se livraria logo de apertos, sem trabalho, nem humilhação, e seria um prazer para os outros prestar-lhe serviços-. (...)⁴.

2. O CHAMADO

Em uma primeira análise é necessário verificar se pousa na vida de Aliócha um verdadeiro chamado para uma vida cristã e uma vida consagrada. Tal análise não pode se fundamentar em irrisória sensação sentimentalista muito menos sob o aspecto da realização de um projeto pessoal da vida do rapaz. Nasce o primeiro questionamento para enriquecimento do prisma, a saber: À luz da história é possível vislumbrar na vida de Aliócha algo consistente que demonstra um movimento “transcendental”, ou seja, a manobra de uma mão intercessora de um “Deus” sempre disposto a intervir nos fatos e acontecimentos?

Na vida de Aliócha apareceu como sinal (luz e fermento) uma pessoa radiante (pessoa concreta). Um verdadeiro “Santo”; que despertou algo novo na existência do personagem: ZÓSIMA, o “Stáriets”. Aqui se pergunta: quem

⁴ Ibid. p. 20-22.

é o senhor Zósima? E quem são os "Stáriets?" Nesse ponto é necessário fazer uma breve pausa para explicar quem eram os "Stártisi" ou Stáriets da Rússia no século XVIII e XIX.

Os "Stáriets" eram anciões que viviam em mosteiros russos e desempenhavam a função de conselheiros. Eram verdadeiros professores venerados. Eram líderes espirituais carismáticos cuja sabedoria deriva de Deus como obtida da experiência ascética. Acreditava-se que, através da luta ascética, da oração e do "hemisímas", o Espírito Santo concedia presentes especiais incluindo a capacidade de curar, profetizar e, o mais importante, dar orientação e direção espiritual efetiva. Na sociedade russa eram vistos como uma inspiração para os crentes e um exemplo de virtude santa, fé firme e paz espiritual. Os anciões não são nomeados por nenhuma autoridade; eles são simplesmente reconhecidos pelos fiéis como pessoas "do Espírito". Assim conceitua Dostoiévski:

(...) Em nosso mosteiro, mas já se haviam sucedido ali três stártisi, dos quais Zósima era o último. Estava quase a sucumbir à fraqueza e às doenças e não se sabia por quem substituí-lo.

Esta invenção, isto é, a instituição dos stártisi, não é teórica, mas tirada, no Oriente, de uma prática milenar. As obrigações para com o stáriets são bem diversas da «obediência» habitual que sempre existiu igualmente nos mosteiros russos. Lá, a confissão de todos os militantes ao stáriets é perpétua, e o elo que liga o confessor ao confessado, indissolúvel (...)⁵.

Conta-se na obra para uma melhor elucidação da figura que nos tempos antigos do cristianismo um noviço, depois de haver deixado de cumprir um dever prescrito pelo seu stáriets, abandonou o mosteiro para dirigir-se a outro país, da Síria ao Egito. Ali, praticou atos sublimes e foi por fim julgado digno de sofrer o martírio pela fé. Já a Igreja ia enterrá-

⁵ DOSTOIEVSKI. 1971, p. 27.

lo, reverenciando-o como um santo, quando o diácono proferiu no velório: “Que os catecúmenos saiam!”; o caixão que continha o corpo do mártir foi arrancado de seu lugar e projetado fora do templo três vezes em seguida. Soube-se por fim que aquele santo mártir havia infringido a obediência e abandonado o seu “stáriets” e que, por conseqüência, não podia ser perdoado sem o consentimento deste último, malgrado sua vida sublime. Mas quando o “stáriets”, chamado, o desligou da obediência, pôde-se enterrá-lo sem dificuldade. Sem dúvida, não passa isso de uma antiga lenda que consta na narrativa.

O Documento de Aparecida⁶ publicado na V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe em seu capítulo IV sobre a Vocação dos Discípulos vai falar algo extraordinário sobre “o chamado de Deus e o propósito do homem”. Informa o documento que o homem, quando escolhido, não necessariamente foi “convocado para algo” mas sim “para alguém”.

Inverte-se um enraizado pensamento notoriamente ocidental provido de propósito e heroísmo para um contexto de servir. Ou “encontrar-se com alguém para que se dê a salvação”. Nesse cotejo, pode-se afirmar breve anedota que: se o Stáriets Zósima foi criado para alguém (e não para algo) foi exatamente para se encontrar com Aliócha seu fiel discípulo. Em uma tênue verossimilhança de raciocínio pode-se pensar que o contrário também estaria correto.

Quanto ao enredo o stáriets Zósima na narrativa tinha 65 anos; descendia de uma família de proprietários; na sua mocidade servira no Exército como oficial, no Cáucaso. Sem dúvida, Aliócha ficou impressionado por certa qualidade especial da alma dele. Aliócha vivia na mesma cela do stáriets, que muito o amava e o mantinha a seu lado. É preciso notar que, vivendo no mosteiro, não estava Aliócha preso por nenhum laço; podia ir aonde bem quisesse, dias inteiros, e, se usava batina, era voluntariamente, para não se distinguir de ninguém no mosteiro.

⁶ CELAM, *V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe*. Capítulo IV, 2007, p. 72.

Segundo o autor, no primeiro olhar lançado por Zósima a um desconhecido adivinhava o motivo de sua vinda, o que lhe era preciso e até mesmo o que lhe atormentava a consciência. O penitente ficava espantado, confuso e por vezes mesmo apavorado por sentir-se penetrado, antes de ter proferido uma palavra. A grande maioria dos habitantes da província era partidária do "stáriets" Zósima e muitos o amavam sinceramente, de todo o seu coração; alguns lhe eram mesmo ligados quase fanaticamente.

Dostoiévski toma um cuidado especial quanto à vocação de Aliócha. Faz questão de defendê-lo asseverando que o seu chamado não é algo frívolo. Vejamos:

(...) O leitor imaginará talvez que o meu herói fosse um indivíduo doentio e extático, um pálido sonhador, macilento, atacado de tuberculose. Pelo contrário, Aliócha, que tinha então dezenove anos, era um jovem bem feito, de faces vermelhas, de olhar límpido, transbordante de saúde. Era mesmo bastante belo, de talhe esbelto, cabelos castanhos, rosto regular, embora um pouco alongado, olhos dum cinzento-escuro, brilhantes, rasgados, pensativo e parecendo bastante calmo. Dir-se-á talvez que faces vermelhas não impedem de ser fanático ou místico; ora, parece-me que Aliócha era, mais que qualquer outra pessoa, realista. (...)

*(...) Atraía-o essa via unicamente porque havia nela encontrado um ser excepcional a seus olhos, o nosso famoso stáriets Zósima, ao qual se ligara com todo o fervor noviço de seu coração sedento. Seria bastante injusto dizer que fosse ele obtuso ou estúpido. Repito o que já disse: escolhera aquela via unicamente porque somente ela o atraía então e representava a ascensão ideal para a luz de sua alma desprendida das trevas. (...)*⁷.

⁷ DOSTOIEVSKI. 1971, p. 20 e 25.

3. O COMBATE

Em que consiste o “combate” na vida de um Cristão? Senão para dar cumprimento ao sexto e sétimo pedido da coletânea de petições da oração do “Pai nosso”. “Não nos deixeis cair em tentação”, o que só é possível através de um “combate”. Mas “livra-nos do mal”. Livra-nos do engano e das ciladas do maligno, combatendo os maus pensamentos.

O Papa São João Paulo II dirigindo-se aos membros do seminário romano maior na cidade de Roma em Fevereiro de 1979 fez o seguinte questionamento a respeito do combate:

(...) Se Deus é por nós, quem estará contra nós? Estas palavras tem o seu significado verdadeiro, o seu primeiro valor, só nos lábios do homem que não só procura más também combate. Por que coisa combate? A que coisa é que a luta conduz? Combates precisamente pela vitória que está na realização do eterno pensamento de Deus na pessoa humana, pela verdade da sua vocação ou chamamento pelo mais profundo significado dela. Nesta busca, nesta luta interna, deve situar-se o homem, em certo sentido, a enfrentar a plena realidade do amor que Deus revelou ao homem em Cristo (...)⁸.

No que toca à estória, há um episódio que deixa claro a postura de Aliócha no que diz respeito à necessidade de “combater” aquilo que é contrário à vida de um Cristão. Aliócha passava por uma crise, levando-se em conta alguns acontecimentos que Deus permitia em sua vida. Além de presenciar brigas e desentendimentos de ordem conjugal entre seu pai e o irmão mais velho, seu superior o “Stáriets” Zósima tinha acabado de falecer, e se não bastasse, Aliócha e seus companheiros do mosteiro passaram por tamanho constrangimento na ocasião do velório do santo.

⁸ JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II aos membros do seminário Maior de Roma*, 24 de Fevereiro 1979. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/february/documents/hf_jp-ii_spe_19790224_seminario-romano-maggiore.html>. Acesso em: 01 jun. 2020.

Estava costumeiramente convencionado entre os cristãos russos daquela época que, quando uma pessoa com tamanha fama de santidade viesse a óbito, esperava-se que o corpo "*post mortem*" resistiria por mais tempo a qualquer processo de "putrefação" ou degradação. Ao contrário do esperado, o corpo de Zósima teve o processo acelerado. No momento do velório os participantes foram surpreendidos por um demasiado "mau cheiro" inexplicável. Esse capítulo Dostoiévski denomina na obra como: "O ODOR DELETÉRIO"⁹.

Esse fato coloca em xeque tudo que Aliócha acreditou e defendeu nos últimos anos. Naquele momento Aliócha sabia muito bem a repercussão do fato conhecendo o "*modus operandi*" da sociedade russa ora narrada, que se alimentava de uma boa "fofoca". Estava em jogo não somente a santidade de Zósima, seu mestre e mentor. Mas também a reputação de sua integridade como "cristão".

Naquele momento de fragilidade o autor conduz a narrativa com maestria e coloca o personagem na viela de cair em grande armadilha que foi orquestrada pelo senhor "Rakitin" companheiro de mosteiro de Aliócha e muito mal intencionado em fazê-lo cair em pecado. Nesse momento da estória Rakitin conduz Aliócha à casa da senhora "Agrafiena Alieksándrovna" mais conhecida como "Grúchenhka".

Aqui novamente a pausa para explicar. Quem é "Grúchenhka"? Nada mais é do que considerada a moça mais "bela e sensual da narrativa". Grúchenhka é exatamente o pivô entre a briga de seu pai com o seu irmão Dimítri. Para muitos contemporâneos Grúchenhka é considerada uma "desavergonhada" destruidora de lares. Pouco importa, quanto a isso, um juízo de valor apartado. O que é fato e vislumbra na obra é que todo homem se apaixona por ela com facilidade ao se aproximar. Grúchenhka em outras ocasiões já tinha demonstrado interesse em conhecer Aliócha e flertou severamente com a ideia de seduzi-lo sabendo da seriedade de sua "vocaçãõ". Tinha tomado tal empreitada como desafio.

⁹ DOSTOIEVSKI. 1971, p. 249-252.

Após a morte de Zósima e também do “odor deletério” Rakitin se encontrou com um Aliócha muito fora de sua normalidade. Já estava há muitas horas sem comer e sem dormir, com um ar de esgotamento. E Rakitin, aproveitando o momento de fragilidade, o conduz à casa de Grúchenhka. Saltando aqui pormenores narrativos, é importante mencionar que ao chegarem à casa e ao proceder o encontro com a moça, é possível confessar que o leitor despreparado chega a “perder o ar” observando a possibilidade de Aliócha colocar tudo a perder, caso seja seduzido pela anfitriã. Nesse momento a estória toma um rumo inesperado e as características de Aliócha são consolidadas de maneira muito mais firme do que outrora.

O personagem, além de não ceder aos encantamentos naturais da donzela, pousa sobre ela um olhar de “misericórdia” compreendendo com profundidade que a mesma sofria por levar uma vida vazia pela falta de propósitos estabelecidos. Aliócha percebe que Grúchenhka não estava feliz. Nunca foi tocada por um amor transcendental. Sempre buscou vida onde não há vida. Vejamos alguns trechos desse encontro¹⁰:

A ida:

(...) — Vamos à casa de Grúchenhka, hein? Queres? — disse por fim Rakitin, todo tremente de expectativa.

— Vamos — respondeu tranqüilamente Aliócha. Rakitin esperava tão pouco esse pronto consentimento que quase deu um salto para trás.

— Até que enfim! — ia ele exclamar, mas agarrou Aliócha pelo braço e arrastou-o rapidamente, temendo vê-lo mudar de opinião.

Não era decerto para fazer prazer a Grúchenhka que lhe levava Aliócha; um homem sério como ele só agia por interesse. Tinha um duplo fim: vingar-se em primeiro lugar, contemplar “a ignomínia do justo” e a “queda” provável de Aliócha, “de santo tornado pecador”, do que se rejubilava de antemão; além disso, tinha em

¹⁰ Para todos os trechos, DOSTOIEVSKI. 1971, p. 249-257.

vista uma vantagem material de que se tratará mais longe. "Eis uma ocasião que é preciso agarrar pelos cabelos", pensava ele com uma alegria maligna.(...)

O encontro:

(...) — Ah! és tu, Rakitka? Causaste-me medo! Com quem estás? Meu Deus, eis quem me trazes! — exclamou ela, ao perceber Aliócha. — Manda então acender a luz! — disse Rakítin, com o tom dum familiar que tem direito de mandar na casa.

Causaste-me medo, Rakitka, eis tudo — e Grúchenhka voltou-se sorrindo para Aliócha. — Não tenhas medo de mim, meu caro Aliócha, estou encantada com tua visita inesperada. Pensava que era Mítia que queria entrar à força. (...)

Grúchenhka falando:

(...) — Eu vi um baile. Há três anos, quando Kusmá Kuzmitch casou seu filho; eu olhava da tribuna. Mas por que conversarei contigo, quando tenho um príncipe como hóspede? Meu caro Aliócha, não quero crer nos meus olhos; como aconteceu que viesses à minha casa? Na verdade, não te esperava, jamais acreditei que pudesses vir. O momento é mal escolhido, no entanto estou bem contente. Senta-te no divã, aqui, meu belo astro!

Sentou-se vivamente ao lado de Aliócha, examinando-o, extasiada. Estava verdadeiramente contente e não mentia. Seus olhos brilhavam, sorria, mas com bondade. Aliócha não esperava ver nela uma expressão tão benévola... Fizera dela uma ideia aterrorizadora. (...)

A empreitada (momento crítico):

(...) — Como assim? Tagarelas, alguma vilania ainda, sem dúvida. Aliócha, deixa-me sentar-me em teus joelhos, assim. — E logo se instalou sobre os joelhos

dele, risonha, tal como uma gata caridosa, com o braço direito ternamente passado em redor do pescoço dele. — Saberei bem fazer-te rir, meu gentil devoto! Na verdade, deixa-me sobre teus joelhos, isto não te causa zanga? (...)

“O Combate!”:

(...) Aliócha calava-se. Não ousava mover-se, não respondendo às palavras ouvidas, como que inerte. Mas não experimentava o que podia imaginar Rakitin, por exemplo, que o observava com ar galhofeiro. Seu grande pesar absorvia as sensações possíveis e, se tivesse ele podido analisar-se naquele momento, teria compreendido que estava encouraçado contra as tentações.

A virada de mesa:

— Eis que começam as efusões! — zombeteou Rakitin.

— E estás sentada nos joelhos dele! Ele está pesaroso, convenho, mas, tu, que tens tu? Ele está revoltado contra seu Deus, ia comer salsichão!

— Como assim? — O stáriets dele morreu hoje, o velho Zósima, o santo.

— Ah! morreu? Não sabia de nada. — Benzeu-se. — Meu Deus, e eu que estou sentada nos joelhos dele! Levantou-se vivamente e sentou-se no divã.

Aliócha olhou-a com surpresa e seu rosto iluminou-se.

A resposta adequada de Aliócha:

(...) — Rakitin — proferiu ele, num tom firme —, não me irrites dizendo que me revoltei contra meu Deus. Não tenho animosidade contra ti, sê, pois, melhor, tu também. Sofri uma perda inestimável e não podes julgar-me neste momento. Olha-a, viste sua mansuetude para comigo? Vim aqui para encontrar uma alma perversa, impelido pelos meus maus

sentimentos; encontrei uma verdadeira irmã, uma alma amorosa, um tesouro... Agrafiena Alieksándrovna, é de ti que falo. Regeneraste minha alma. Opresso, Aliócha calou-se, com os lábios trêmulos. (...)

A conversão de Grúchenhka :

— Dir-se-ia que ela te salvou! — zombou Rakítin. — Mas sabes que ela queria comer-te?

— Basta, Rakítka! Calem-se ambos: tu, Aliócha, porque tuas palavras me causam vergonha. Acreditas que sou boa, mas sou má.

— Sim, chorarei, sim, chorarei! — afirmou Grúchenhka. — Ele me chamou sua irmã, não o esquecerei jamais! Por pior que eu seja, Rakítka, dei, no entanto, uma cebola. (...)"

(Para evitar delongas pula-se a anedota da Cebola)

Nova resposta de Aliócha (aqui, diante da iluminação de Aliócha, pode-se fazer menção, de maneira antecipada, ao elemento discernimento):

(...) Aliócha pronunciou suas palavras num impulso irresistível. Tinha necessidade de expandir-se e tê-las-ia dito mesmo que estivesse só. Mas Rakítin olhou-o ironicamente e Aliócha deteve-se.

— Estás com a cabeça cheia do teu stáriets e me bombardeias à sua maneira, Aliócha, homem de Deus — disse ele, com um sorriso odiento.

— Não zombes, Rakítin, não fales do morto, ele era superior a todos na terra — exclamou Aliócha, com lágrimas na voz.

— Não é como juiz que te falo, mas como o derradeiro dos acusados. Que sou eu diante dela? Viera aqui para perder-me, por covardia. Ela, porém, após cinco anos de sofrimentos, por causa de uma palavra sincera que ouve, perdoa, esquece tudo e chora! (...) Ela é superior a nós... Tinhas ouvido antes o que ela acaba de contar?

Não, sem dúvida, porque terias compreendido tudo desde muito tempo... Ela perdoará também, aquela que foi ofendida anteontem, quando souber de tudo... Essa alma ainda não se reconciliou, é preciso poupá-la... oculta talvez um tesouro... Aliócha calouse, porque lhe faltava a respiração. Malgrado sua irritação, Rakitin olhava-o, espantado. Não esperava semelhante tirada da parte do pacífico Aliócha. (...)

4. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

4.1 "VÓS SOIS O SAL DA TERRA, VÓS SOIS A LUZ DO MUNDO".

Em 28 de julho de 2002, o Papa São João Paulo II, na ocasião da XVII Jornada Mundial da Juventude no Canadá, abriu sua homilia dirigindo-se aos jovens nos seguintes termos:

(...) Vós sois o sal da terra...Vós sois a luz do mundo" Escutai a voz de Jesus, no mais profundo dos vossos corações! As suas palavras dizem-vos quem sois como cristãos. Elas ensinam-vos aquilo que deveis fazer para permanecer no seu amor. (...)¹¹.

Ou seja, o espírito há de revelar e confirmar em cada qual os elementos necessários para uma vida cristã a exemplo do chamado, combate, discernimento e alegria. O papa continua dizendo que:

O sal tempera e dá sabor à comida. Seguindo Cristo, deveis transformar e melhorar o "sabor" da história humana. Com a vossa fé, esperança e amor, com a vossa inteligência, fortaleza e perseverança, deveis humanizar o mundo em que vivemos¹².

¹¹ JOÃO PAULO II. Homilia de encerramento da jornada. Viagem apostólica. Toronto 28 de Julho de 2002. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020728_xvii-wyd.html>. Acesso em: 01 jun. 2020.

¹² Ibid.

Todos os aspectos acima mencionados Aliócha demonstra possuir. É algo que se confirma a cada passo da narrativa. A palavra referida (Mt 5,13) informa que: *"se o sal se tornar insosso para nada mais serve senão para ser lançado fora e pisado pelos homens"*. Em outro momento Cristo vai falar *"Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz a cada dia e siga-me"* (Lc 9,23).

Aliócha levou uma vida de renúncias seguindo um chamado da parte de Deus acreditando sempre em um bem maior.

Vale reiterar que o próprio autor o defende dizendo que

não era absolutamente um fanático (alienado), nem mesmo, um místico... escolhera a vida monástica, era porque então somente ela o atraía e representava para ele a ascensão ideal para o amor radioso de sua alma liberta das trevas¹³.

Na primeira citação encontramos o trecho que diz: *"Vós sois a luz do mundo... Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras eles glorifiquem vosso Pai que está nos céus"*.

Podem-se verificar fortes indícios (nessa primeira parte do trabalho) que a luz de Aliócha brilhou. Tornou-se "sal, luz e fermento" entre seus familiares, amigos parentes e superiores. Atesta-se dessa forma que a construção do personagem agregou os elementos "chamado" e "combate".

4.2 SEGUNDA PARTE DO TRABALHO

Na segunda parte do trabalho (em posterior publicação) abordar-se-á a postura e discernimento de Aliócha frente ao polêmico capítulo "O Grande inquisidor", ocasião em que trava debate com seu irmão ateu (Ivã) ingressando no terreno da valoração (objeto de dúvidas pertinentes ao homem). Ivã inquirirá Aliócha quanto à lógica da permissividade de Deus – "Tal fato é justo ou injusto?" "Tal acontecimento passa ou não passa pela autorização de Deus?".

¹³ DOSTOIEVSKI. 1971, p. 20.

Deve-se verificar também que Aliócha é o instrumento perfeito que Dostoiévski utilizou para fundamentar que o amor vence todas as coisas. Vence as falácias, as discussões, os debates, a vaidade “*in natura*”, o obscurantismo e as intransigências.

Por último, será analisado o elemento alegria, oportunidade em que o próprio Aliócha entoará, em êxtase, seu “*magnificat*” com profundo agradecimento pela intervenção divina na história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARPEAUX, Otto Maria. *O Realismo, o Naturalismo e o Parnasianismo por Carpeaux*. História da Literatura Ocidental Volume 7. Rio de Janeiro: LeYa, 2019.

CELAM – “Documento de Aparecida” V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe em seu capítulo IV 2007

DOSTOIEVSKI, Fiodór M. *Os Irmãos Karamásovi*. São Paulo: Abril, 1971.

JOÃO PAULO II. *Discurso do Papa João Paulo II aos membros do seminário Maior de Roma 24 de Fevereiro 1979*. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/february/documents/hf_jp-ii_spe_19790224_seminario-romano-maggiore.html>. Acesso em: 01 jun. 2020.

JOÃO PAULO II. *Homilia de encerramento da jornada*. Viagem apostólica. Toronto, 28 de Julho de 2002. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/homilies/2002/documents/hf_jp-ii_hom_20020728_xvii-wyd.html>. Acesso em: 01 jun. 2020.